

VI Congresso latinoamericano de psicologia junguiana
" A amizade e seus paradoxos"
19 a 22 de setembro
Costão do Santinho - Florianópolis

" O duplo no grafite –
o arquétipo dos gêmeos"

por
Denise Maia
2012

A parede tem um papel importante desde os tempos primitivos – ela é o testemunho da necessidade básica do ser humano de se comunicar seja através de palavras ou desenhos. Assim, ela se torna um importante laboratório para composições pictóricas de todo o tipo, onde inquietudes e desejos são canalizados para caminhos criativos e expressos através de imagens e símbolos, passando desta maneira a fazer parte também do espaço coletivo.

Há uma forma de arte mais rebelde, que não está nas igrejas, coleções ou galerias de arte, mas nas ruas e que muitas vezes é considerada de pouca qualidade.

“Esta arte bastarda de rua, tão menosprezada e tão incerta, pois as inclemências do tempo a podem apagar, põe de pernas para o ar os sistemas estéticos tradicionais.”

Os textos, as letras e diagramas ou os desenhos realizados no muro, compõem o mundo do grafite. Hoje de uma maneira mais ampla e menos contaminada de pré-julgamentos, nomeia-se este tipo de manifestação estética de arte de rua ou arte pop.

Alguns depoimentos sobre obras realizadas na cidade, falam da experiência com este tipo de trabalho:

“Um gigante ganha vida e voa pelo vale do Anhangabaú”
sobre o desenho “Estrangeiro”
nov.2009

“A cidade precisa de mais cores. Só cinza não dá – nos dias frios sinto falta do amarelo do sol e de outros tons que a gente usa no grafite”...
artista anônimo

“Faz parte do trabalho do artista intervir no cinza dos caminhos cotidianos das pessoas, mesmo quando a obra dura pouco pois é coberta, apagada”.
artista de rua,
junho 2010

Iniciaram-se projetos de intervenções artísticas em espaços públicos, a partir da nova lei da cidade limpa e assim vão sendo criadas obras que se integram à paisagem. Esta arte também chamada urbana, parece colorir e legitimar os espaços livres deixados pelas propagandas e outdoors.

Observam-se a cada mês, relatos e artigos sobre artes públicas tais como esculturas e principalmente grafite, que vão se espalhando pelas grandes cidades de todo o mundo e vão dialogando com as pessoas que passam. Jornais de São Paulo vêm recentemente abordando roteiros e revelando obras realizadas em murais e paredes, tais como a que se encontra na fachada do MAM e foi grafitada por osgemeos. Ao mesmo tempo, o grafite começa a

migrar também para outros espaços, participando de exposições em museus e galerias, numa tentativa de libertá-lo de sua fama original marginal. Vai surgindo uma nova conceitualização, o “pós grafite”.

“O verdadeiro grafite é criado ilegalmente e anonimamente. Ele nasce do desejo de mudar as coisas e de poder se expressar mais diretamente”.
osgêmeos grafiteiros

Derivado da palavra italiana sgraffito, ou seja, rabisco, ranhura ou inscrição, grafitar significa riscar, documentar de uma forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo, num linguajar cuja forma de expressão é bastante ampla e utiliza diversos recursos com a intenção de compor o espaço urbano.

O grafite como expressão artística traz um manifesto político, selando um território e propiciando um lugar a ser compartilhado.

Desde os primórdios da humanidade eram gravadas nas paredes das cavernas imagens e silhuetas, utilizando-se de ossos furados. Podemos considerar estas primeiras pinturas rupestres, a origem do grafite, como uma necessidade do homem de registrar suas experiências. Essa inscrição nos espaços públicos, acompanham o caminho de desenvolvimento da própria história da arte.

“Grafite: A arte que comunica dois mundos, tendo o muro como suporte”.
grafiteiro anônimo

A partir da década de 70 em Nova York e na Filadélfia, artistas pintavam seus nomes em muros ou nas estações de metrô. O ambiente parece ter sido solo fértil para os primeiros grafiteiros, reunindo diferentes culturas e problemas de minorias em um único lugar.

A princípio, os artistas costumavam ter os trens como alvo, porque estes geralmente passavam pela cidade inteira, sendo vistos por milhares de pessoas. À medida em que os artistas visitavam outros lugares, o fenômeno do grafite foi se espalhando por todo o país e logo também chegando em várias cidades européias.

O novo movimento teve suas raízes no punk, mas somente com o advento do hip hop é que a cena do grafite realmente se fortaleceu.

Em Barcelona houve um apelo para que todos os artistas da América se lançassem a promover uma arte que falasse às multidões, pintando-se os muros das ruas e os edifícios públicos.

No Brasil, vários murais foram realizados nas fachadas de prédios narrando temas da história e da arte brasileira.

Todos estes dados sobre o muralismo e arte pop já apontavam para a origem do grafite, com introdução do spray como ferramenta fundamental, desde a década de 50 mas firmando-se como movimento na década de 70 e se consagrando como linguagem artística na década de 80. Surgiram nesta época nos E.U.A, nomes hoje famosos como Keith Haring e Jean Basquiat. A idéia de grafite vinha acompanhada da noção de rebeldia e ligada sobretudo à crescente manifestação da cultura negra.

A pichação cujo lugar também é o espaço urbano, confunde-se muitas vezes com o grafite, embora sejam diferentes.

Uma arte marginal, cujos artistas são considerados vândalos que depredam prédios e monumentos.

Enquanto a pichação acontece a maior parte das vezes a partir da escrita fazendo uso de palavras e letras, o grafite privilegia a imagem, apesar de também usar muros como tela, propondo uma experiência estética e fluida que vai se modificando junto com o dia a dia da cidade.

“Quando eu pinto uma parede quero me expressar de uma forma que toque profundamente. Pode ser uma mancha estranha ou um personagem, mas é algo que prenda a atenção e que capte o que estou sentindo.”

Dan
grafiteiro argentino

Há um mergulho em um mundo de formas e cores que carregam histórias de vidas em formação.

Os jovens encontraram nas tintas instrumentos para se descobrir, gritar e afirmar seu talento, tendo as paredes como lugares de expressão.

“Deus está na latinha de spray. Você aperta e ele sai em “sprayadas” de tinta.

No momento você é você, mas você também é o universo. A latinha acaba com todas as divisões: você é a sua visão de mundo e ela é a ponte de criatividade. Deus de criatividade está nas latinhas e seu culto nas imagens pintadas nos muros da cidade.

Os artistas anti-heróis que escrevem seus nomes nas paredes, também assinam o nome de Deus”.

Aguilar
grafiteiro

O momento de criação passa primeiro pela preparação e disposição de tudo que é necessário para pintar, discriminando-se as diferenças existentes em cada um dos materiais a ser utilizado.

É importante conhecer as propriedades do produto, tais como a pressão a ser realizada e o tempo de secagem de cada tinta. As paredes úmidas ou onduladas precisam ser preparadas. Por vezes pode-se utilizar o espaço já desenhado e pintar por cima, o que também traz exigências técnicas.

O esboço chega à parede com uma cor leve cujas linhas desaparecem por baixo das tintas.

O passo seguinte é o preenchimento das superfícies com o spray. Através de diferentes técnicas podem-se criar perfeitas gradações de cores e efeitos tridimensionais. As superfícies sombreadas podem ser realizadas a partir do realce que se dá à luz ou à sombra.

Além da lata de spray, recurso tradicional do grafite, há muitas opções hoje de materiais que vão permitindo uma maior ampliação da esfera de ação dos artistas.

À princípio, o modelo inicial girava em torno da distorção das letras, o que se confundia com a pichação transgressora.

Podemos distinguir alguns outros tipos de grafite, tais como:

- a) Bomb - caligrafia composta de letras "gordinhas e coloridas".
- b) estêncil – permite a repetição do desenho a partir de um molde.
- c) estilo livre – cujo traçado é feito à mão livre, como o trabalho realizado por os gêmeos.
- d) muralismo – os desenhos preenchem grandes dimensões de parede.
- e) instalação – tipo de obra que se relaciona com o ambiente interagindo com o espectador.
- f) tag

Foram surgindo depois os personagens que hoje formam uma categoria autônoma e variam desde os cômicos até os de fotorrealismo.

Observa-se uma "migração" dos desenhos de um bairro para outros locais da cidade, espalhando o trabalho de cada artista, ao mesmo tempo em que demarca um território. É como se o artista tivesse propondo o resgate do espaço para si, numa forma de auto-afirmação e ocupação do espaço anônimo e coletivo.

"Grafite é o lugar onde espaço público e privado se encontram".

Kátia Canton

A experiência brasileira no grafite criou suas próprias cenas. Nossa cultura composta de muitas influências, híbrida de descendentes indígenas, colonizadores portugueses, escravos africanos e imigrantes europeus e asiáticos, junta-se à diversidade de nossas regiões, fauna, flora e costumes, além dos contrastes de pobreza e marginalização. É a voz da cultura alternativa vinda de uma parte negligenciada da sociedade.

Do caos à explosão de cores, o grafite traduz padrões sociais e parte da cultura de rua que inclui o funk, o hip hop e o samba.

O artista brasileiro assimila os diversos movimentos artísticos mas os realiza dentro de suas próprias características.

Hoje os grafiteiros são reconhecidos e cada vez mais têm a cidade como inspiração e objeto.

Segundo Kátia Canton:

"O desejo dos artistas contemporâneos de dialogar com os espaços públicos da cidade fica cada vez mais ameaçado e se torna um contraponto à ameaça da violência. O grafite é um dos modos de romper com este paradigma".

Estes artistas que pintavam fora dos espaços privados hoje estão sendo convidados a expor dentro de galerias e museus.

A maior parte dos grafiteiros migram da rua para espaços fechados, mas existem caminhos opostos cujos trabalhos saem das telas e exposições fechadas e vão para as ruas explorar espaços maiores e dialogar com a cidade.

Observa-se hoje que alguns grafiteiros após conquistar galerias internacionais, querem voltar às ruas, retomando a cultura underground.

Atualmente muitos artistas acham que o termo grafite já não é contemporâneo, além de evocar algumas vezes uma imagem de vandalismo. Assim, designa-se hoje esta forma artística de arte urbana.

Osgemeos grafiteiros

“Destas duas mentes transbordam todas as cores e sabores da imaginação. Eles refletem em seus desenhos seu interior, sua fantasia e a realidade que os rodeia”.

Criados nas ruas do Cambuci, São Paulo e impregnados pela cultura do Hip Hop, os gêmeos idênticos, Rodolfo e Otávio, nascidos em 1974, tornaram-se mundialmente conhecidos na arte da rua como grafiteiros.

O desenho surgiu na vida dos irmãos como uma forma de brincadeira aos 7,8 anos de idade.

Aos 11,12 anos pintaram pela primeira vez durante à noite a parede do próprio quarto com spray e continuaram pintando o quarto da irmã, o quintal e as paredes das casas vizinhas.

Na escola, apesar de estudarem em classes diferentes, desenhavam coisas muito parecidas embora não tivessem nada combinado. Foram estimulados pelos pais e pelo irmão mais velho principalmente, que lhes colocou em contato com o filme “the wall” da banda Pink Floyd cuja influência segundo eles, foi fundamental em seu envolvimento com a arte, conjuntamente ao movimento hip hop.

Formados no curso técnico em desenho de comunicação, começaram a pintar em 1987.

Desde pequenos desenhavam na mesma folha e destruíam os brinquedos que ganhavam para reconstruí-los juntos, do jeito que queriam.

“De 93 a 95 entramos juntos numa espécie de auto-busca. Desenhávamos no quarto e passávamos o dia lá dentro pintando à luz de velas, tomando vinho, até criar o nosso próprio estilo”.

Rodolfo – osgemeos

Nunca mais pararam de pintar, numa grande cumplicidade. Antes de se tornarem artistas, trabalhavam lado a lado em todos os empregos que tiveram. De uma forma única se completam, parecendo não se atropelar. São quatro mãos e o mesmo traçado. Por vezes um fala pelo outro, outras vezes a voz é uníssona.

“Eu confio no que ele fala e ele no que eu falo.

Ele é minha terapia e eu sou a terapia dele. A gente não conversa muito. Só se olha e já sabe”.

Otávio – osgemeos

Os muros de São Paulo foram suas primeiras telas. Iam deixando suas marcas a partir da década de 80 e a fama e o reconhecimento realmente aconteceu a partir da década de 90, com exposições no exterior.

“A gente começou com o amarelo e o vermelho. Passamos a descobrir São Paulo, pintando na rua, assim surgiu o personagem amarelo.

Quando estamos criando, nós nos conectamos com o “Tritez”, nosso universo particular e lúdico, nosso equilíbrio espiritual”.

Rodolfo – osgemeos

Os temas foram surgindo desde retratos de família ligados à crítica social e política, criando-se um estilo. Há personagens comuns e melancólicos da cidade – retirantes descalços, crianças que brincam. Tudo com novas cores e interpretações.

Cada vez mais foi acontecendo um diálogo entre o grafite e as artes gráficas e assim osgemeos vão retratando em desenhos, o bairro paulistano do cambuci, o interior do país, o nordeste, como também os trens do metrô de Nova York, um mito, presente na história e origem do grafite.

“O legal na cultura brasileira é o improvisado e a simplicidade.

Quando você vive tudo isto na sua cabeça, dentro de você, não dá para pintar outra coisa”.

osgemeos

Hoje há obras espalhadas pelo mundo todo: EUA, Alemanha, Escócia, Grécia, Holanda e Lituânia, e em 2008 osgemeos pintaram a fachada do Tate Modern em Londres.

A efemeridade é uma questão importante e presente no grafite, tanto na possibilidade dos muros serem logo apagados, como na passagem constante de pessoas que vão e vêm. Falamos assim do movimento, da transferência e do anonimato.

Hoje começam a acontecer inúmeras exposições dos trabalhos de osgemeos, nos museus e galerias de arte, também de várias cidades brasileiras.

“O que nos estimula a grafitar é a necessidade de expressar em nossa arte aquilo que gostamos e o que não gostamos. Criticar, questionar, transformar. A arte é nossa ferramenta”.

Quando os artistas falam sobre um mundo a parte chamado “Tritez”, falam de uma outra dimensão.

É um lugar onde os vagalumes iluminam a noite e os peixes luminosos os mares. Para eles, explica Rodolfo, há três vidas: a primeira na barriga da mãe, a segunda a que vivem hoje e a outra o pós-morte que será eterna. Os desenhos vêm de uma mistura entre o que sonham, o que vêem no dia a dia e o que sentem nas suas relações com o mundo. A capacidade de transformar situações cotidianas a partir deste mundo especial que vivem em suas psiques, faz com que as pessoas se identifiquem de imediato com suas pinturas. Há a

criação de um mundo fantástico, cheio de estórias, misturando realismo e ficção.

Ao falar de seu processo criativo, os gêmeos afirmam realizar em desenhos aquilo que aparece em seus sonhos – Imagens criadas a quatro mãos, vindas de uma prática compartilhada em todas as suas etapas.

O gosto pelas cores intensas e o tom lúdico da criação são características importantes da sua produção.

Os personagens ora parecem sair de um sonho, ora da dura realidade cotidiana, embora revestidos de um grande lirismo.

Com seus traçados delicados e expressivos aliados à riqueza de detalhes provocam um efeito ilusionista de volume das figuras e a presença de um sombreado inovador.

Uma de suas obras mais recentes em São Paulo é a pintura das superfícies dos trens da CPTM, além da presença de personagens gigantes em prédios no Centro.

A arte nas ruas vai fazendo cada vez mais parte da cidade e o grafite em si passa a ser visto como obra de arte, firmando-se cada vez mais como um movimento artístico mundial contemporâneo.

Ao mesmo tempo, hoje os museus e outros espaços privados abrem-lhe suas portas levando os muros da cidade para dentro das instituições confirmando assim sua presença no mundo das artes e não apenas no universo underground. Com este movimento surgem questões importantes sobre o grafite nos espaços museológicos: Quando sai da rua e vai para as galerias ele deixa de ter suas características?

Os ambientes protegidos preservam a pobreza e a miséria humana das figuras presentes nas obras ou as desqualificam?

Segundo os gêmeos:

“Apesar de usarmos nas duas situações as mesmas técnicas, não sabemos dizer se a arte vira algo contemporâneo ou conceitual.”

Observa-se que há ligações importantes do grafite com a arte naïf e que eles se aproximam pela presença do primitivismo e a ausência de um aprendizado estético anterior.

Embora esta forma artística seja tão pouco reconhecida, independente de onde quer que ela seja realizada ou permaneça, ela traz em si características que lhe conferem uma identidade.

